

Apresentação dossiê: A literatura e seus afetos

Sobre afetos e afetividades

Vera Lúcia Cardoso Medeiros* 

Frederico Garcia Fernandes** 

O marco inicial da teoria dos afetos remonta aos estudos do filósofo Baruch Spinoza (1632-1677), que cita e define os vários afetos – Amor, Ódio, Admiração, Desprezo, Grata Surpresa, Decepção, Compaixão, Esperança, Temor –, sendo todos estes originados do Desejo, da Alegria ou da Tristeza. No final da terceira parte do livro **Ética**, encontramos a definição geral do afeto, considerado uma ideia “[...] pela qual a mente afirma a força de existir [...]” (SPINOZA, 2009, p. 151).

O tratado de Spinoza vem sendo revisitado por pensadores de diferentes vertentes. Gilles Deleuze é um desses, e, em sua interpretação, afeto denomina o modo de pensar não representativo, variação contínua da força de existir, distinguindo-se da ideia, modo de pensamento que sempre representa algo. Deleuze e Guattari aprofundam a discussão no campo da Arte, terreno propício para mobilizar os sujeitos, sejam eles produtores ou receptores, e conseqüentemente gerar e expressar afetos (DELEUZE; GUATTARI, 1991).

Em **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**, obra publicada em 2015, Vladimir Safatle constrói densa reflexão a partir da constatação de que as sociedades são definidas como circuito de afetos. Em Spinoza, Alegria e Tristeza são os afetos dos quais decorrem os demais; para Safatle, o Medo e a Esperança são as forças que mobilizam as comunidades contemporâneas.

Os artigos que compõem o dossiê partem de conceitos e categorias desenvolvidos pelos autores acima mencionados, assim como trazem outros referenciais para refletir sobre a força propulsora dos afetos no campo literário.

O número se inicia com a entrevista *Uma conversa sobre formas de afetividades* de Elias J. Torres Feijó aos organizadores deste número. Nela, o professor catedrático da Universidade de Santiago de Compostela explica seus conceitos de identidade afetivizada e afetividade identitária e trata da atualidade deles na crítica literária contemporânea. Na sequência, o entrevistado nos contempla com o artigo *A dimensão da afetividade identitária: literatura, língua e normas ortográficas na Galiza. Uma proposta de aproximação* em que discute as relações entre identidade e afetividade a partir da ortografia do galego e suas incidências na elaboração afetiva das escritas das pessoas.

* Professora da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), Bagé, Rio Grande do Sul, Brasil.

** Professor da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, Paraná, Brasil.

Nos dois artigos seguintes, a poética dos afetos é o enfoque adotado para analisar narrativas brasileiras contemporâneas. *A leitura como afeto*, de Cleber Bicicgo, investiga *O avesso da pele*, romance de Jeferson Tenório, colocando em evidência o papel do narrador, que compôs sua fábula a partir de restos e afetos, e de seu pai, Henrique, cuja trajetória é marcada pelos impactos decorrentes das leituras e pelos efeitos que seu corpo negro provoca em uma sociedade racista.

Memória e discurso histórico são colocados em evidência no artigo *Epistemologia dos afetos a partir dos arquivos histórico-memorialísticos em Relato de um certo Oriente*, de Tatiana Prevedello, que busca compreender a hermenêutica dos afetos no romance do amazonense Milton Hatoum.

A teoria dos afetos pode desdobrar-se como poética, e o artigo *Escrever sensações, inscrever afetos: notas para uma teoria literária menor segundo Gilles Deleuze*, de Caio Vinícius Russo Nogueira, aponta para essa direção. O texto explora conceitos como afectos, perceptos, devires, território, entre outros, e discorre sobre o que é a estética da literatura e quais suas funções.

Leitura literária como performance e o circuito dos afetos na biblioteca, de Gisele Gemmi Chiari, refere-se à execução do projeto “Itinerários de leitura literária e o circuito dos afetos na biblioteca”, no qual o afeto, na perspectiva de Safatle, e a *performance*, por Paul Zumthor, são categorias mobilizadas em encontros com bibliotecárias e bibliotecários em Londrina, Paraná, visando à formação de mediadores de leitura literária.

A sessão livre deste número traz oito artigos que se dedicam a refletir sobre aspectos variados das literaturas em língua portuguesa. Em *Mia Couto: uma escrita na voz – aprendendo com a chuva...*, o autor José Paulo Pereira foca em duas obras do escritor moçambicano, *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* e *E se Obama fosse africano?*, refletindo sobre seu processo de escrita e suas relações com a oralidade. O pensamento do filósofo Jacques Derrida, em *Da gramatologia*, acompanha estas reflexões fazendo um contraponto com a narrativa de Mia Couto.

Em *Raízes do Pantanal: cultura e literatura tecidas por Augusto César Proença*, Eudes Fernando Leite e Alexandra Santos Pinheiro mergulham no regionalismo pantaneiro do escritor Augusto César Proença, pontuando questões que, a partir da obra, emergem no debate sobre história e literatura. Os autores buscam compreender como o processo de criação literária acaba por recriar e ressignificar a cultura e a geografia do Pantanal, reconfigurando as expectativas de mulheres e homens pantaneiros.

Já em *Msaho e a proposta de renovação da linguagem literária*, de Lílian Paula Serra e Deus, temos a oportunidade de conhecer um movimento moçambicano surgido na década de 1950 que fortaleceu o processo de africanização da língua portuguesa. Ao trazer para o centro de discussões da literatura o movimento *Msaho*, surgido em Moçambique em 1952, a autora abarca as tensões da língua portuguesa, demonstrando como poetas pertencentes a este movimento propõem uma africanização da língua do colonizador.

O diálogo entre poesia visual e poética chinesa é estabelecido em *Tatuagens complicadas do meu peito: Camilo Pessanha, um artífice do ideograma*, de autoria de Camila Marchioro. Atenta à qualidade visual da poesia de Pessanha, a autora demonstra como o poeta coimbrão foi pioneiro no diálogo com a tradição chinesa, antecipando, inclusive, elementos do imagismo, ao incorporar o pensamento ideogramático na literatura ocidental.

O artigo *Guimarães Rosa ou o homem intuitivo nietzschiano*, de Laysa Louise Silva Beretta, promove o diálogo entre criação linguística e Filosofia. Seu texto debruça-se sobre neologismos cunhados por Guimarães Rosa em *Grande sertão: veredas* e os compara com o ensaio “Verdade e mentira no sentido extra-moral” (1873), de Friedrich Nietzsche. Nesse sentido, o artigo busca responder questões sobre o valor da palavra na obra de Guimarães Rosa.

Cronotopo e realidade objetiva em Os ratos, de Dyonélio Machado, artigo de Luiz Paixão Lima Borges, propõe uma análise materialista e dialética sobre o romance do escritor gaúcho, publicado em 1935. A partir de uma detida análise da personagem Naziazeno, o autor dialoga com a teoria de Bakhtin e com a dialética marxista demonstrando como pressões econômicas e sociais do capitalismo interferem na construção do espaço e tempo da obra.

Na sequência, encontra-se o artigo de Tereza Virginia de Almeida, *Loucura e velhice na poética da derrelição: notas sobre A obscena Senhora D, de Hilda Hilst*. A partir da personagem central Hillé, uma viúva de sessenta anos que fala com mortos e ouve vozes de dentro da parede, o artigo aborda as relações entre velhice e loucura e a experiência singular da linguagem vivenciada pela personagem.

Finalizando este número, *Ancestralidade e autoestima em Maréia, de Miriam Alves*, de Luciana Lis de Souza e Santos e Elio Ferreira de Souza, aborda o tema da ancestralidade no romance *Maréia*, de Miriam Alves. A escritora paulista tem se tornado uma das principais vozes da literatura afro-brasileira contemporânea e, no artigo de Santos e Souza, são discutidas questões como a autoestima e a positividade da imagem da negritude. O artigo sustenta-se em conceitos como a Autodefinição e a Autoavaliação para análise da personagem principal e demonstra como Maréia subverte a lógica colonial desmerecedora de saberes provenientes da diáspora negra.

O conjunto de textos trazidos para o número 39 da revista *Veredas* busca contribuir com o debate para o aprimoramento crítico das literaturas de língua portuguesa. Apesar de tratar de abordagens e objetos distintos, esta edição demonstra, por meio das reflexões sobre o afeto, as formas pelas quais o texto literário apresenta o poder de modificar e deixar-se modificar, tornando-se um efeito. Logo, o afeto traduz-se em motivações, sensações corporais e experiências de alteridade com potencial para transformar o leitor. O afeto conecta diferentes temporalidades literárias ao cotidiano fluido e em contínuo trânsito de nossas vidas. A literatura, lida sob tal perspectiva, pode também ser entendida como uma forma de cidadania afetiva na composição da tessitura social.

Referências

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Qu'est-ce que la philosophie?* Paris: Les Éditions de Minuit, 1991.
- DELEUZE, Gilles. *Deleuze-Spinosa*. Disponível em: <https://www.webdeleuze.com/cours/spinoza>. Acesso em: 24 jul. 2023.
- SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- SPINOZA, Baruch de. *Ética*. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.